

DO INFLUXO FILOSÓFICO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: A INCLUSÃO COMO MANIFESTAÇÃO DEMOCRÁTICA

DE LA INFLUENCIA FILOSÓFICA EN LA EDUCACIÓN CONTEMPORÂNEA: LA
INCLUSIÓN COMO MANIFESTACIÓN DEMOCRÁTICA

ABOUT PHILOSOPHICAL INFLUENCE IN CONTEMPORARY EDUCATION:
INCLUSION AS A DEMOCRATIC MANIFESTATION

Vicente Fagner Morais Serafim¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
zeniste@gmail.com

Resumo

Ao meditar acerca da educação contemporânea, enquanto manifestação democrática, se é desafiado a uma compreensão holística de seu exercício para além do mero conceito de ensino-aprendizagem, porque, este restringe e até distorce essa atividade humana que é corriqueira quando tomada em sua magnitude. A educação é um dos transcendentos modos de existência do ser humano, deste se compreende uma *singularidade-diversa*, que enseja a continuação dessa mesma forma de ser ancorado no princípio natural denominado autopreservação. Este, por sua vez, só faz sentido, quando atrelado à importância da circunscrição (mundo) do qual cada pessoa é coexistência (um entre vários). Portanto, a contemporaneidade, como vocação à alteridade, se encaminha à realização democrática, a qual se traduz por abertura, diversidade, autonomia, autodeterminação e interdependência. Assim, pensar é a necessidade que se insurge frente ao mero mar das concatenações, dentre asquais, a admissão de que inclusão é plano, concepção contrária a este artigo que a entende como uma inevitável meta (desenrolar) natural.

Palavras-chave: Educação; Contemporaneidade; Democracia.

Resumen

Al meditar sobre la educación contemporánea, como manifestación democrática, se interpela a una comprensión holística de su ejercicio más allá del mero concepto de enseñanza-aprendizaje, porque restringe e incluso distorsiona esta actividad humana que es común cuando se la toma en su magnitud. La educación es uno de los modos transcendentales de existencia del ser humano, desde el cual se comprende una singularidad diversa, que da lugar a la continuación de esta misma manera de estar anclada en el principio natural llamado autoconservación. Esto, a su vez, sólo tiene sentido cuando se vincula a la importancia de la circunscripción (mundo) en la que cada persona es una convivencia (una entre muchas). Por tanto, la contemporaneidad, como vocación de alteridad, avanza hacia la conquista democrática, que se traduce en apertura, diversidad, autonomía, autodeterminación e interdependencia. Así, pensar es la necesidad que surge ante el mero mar de concatenaciones, entre las cuales, la admisión de que la inclusión es un plan, concepción contraria a este artículo que la entiende como una meta (despliegue) natural inevitable.

Palabras clave: Educación; Contemporáneo; Democracia.

Abstract

When meditating on contemporary education, as a democratic manifestation, a holistic understanding of its exercise is challenged beyond the mere concept of teaching-learning, because it restricts and even

¹ Doutorando em Filosofia na UERJ na área de Metafísica, Bel., Licen. e Mestre em Filosofia (UFPB) com Especialização em Arte-Educação (IESP), Coordenador do Comitê da Consciência Negra Luíza Mahin, Professor de Filosofia na Secretaria de Educação da Paraíba e Sacerdote de Candomblé. E-carta: zeniste@gmail.com

distorts this human activity that is common when it takes it into its magnitude. Education is one of the transcendent modes of existence of the human being, from which a diverse singularity is understood, which gives rise to the continuation of this same way of being anchored in the natural principle called self-preservation. This, in turn, only has meaning when it is linked to the importance of the circumscription (world) in which each person is a coexistence (one among many). Therefore, contemporaneity, as a vocation of alterity, advances towards democratic achievement, which translates into openness, diversity, autonomy, self-determination and interdependence. Thus, thinking is the need that arises before the mere sea of concatenations, among them, the admission that inclusion is a plan, a conception contrary to this article that understands it as an inevitable natural goal (displiegue).

Keywords: Education; Contemporary; Democracy.

1. SOBRE A DEMOCRACIA COMO CONCRETUDE DA CIVILIZAÇÃO

Certa vez, em um evento de uma Universidade, foi dirigida à mesa a seguinte questão: “A democracia é um conceito ainda não compreendido ou é um valor ainda não cultivado?” A tentativa de resposta foi um fiasco provocado pela perplexidade ensejada pela questão. É oportuno retomá-la, a fim de compreender democracia, educação e sociedade como vida, existência mesmo. Ora, todas as pessoas agem de acordo com um princípio que é denominado autocuidado. Este se manifesta corriqueiramente nas atitudes de afastamento que toda pessoa exerce à mínima desconfiança de que sua vida poderá ser suspensa. Assim, é o sentimento do medo, de um modo geral, e este se materializa não apenas diante de fenômenos concretos, e.g., a ameaça da picada de um animal pernicioso ou quando se é alvo de uma arma, como Também, de fenômenos possíveis, que são indícios de que algo poderá ocorrer ocasionando perigo à vida dentre os quais incluem-se supostas conclusões.

1.1. COMPREENSÃO DE DEMOCRACIA NO HORIZONTE CONTEMPORÂNEO

À primeira parte da questão cabe indagação, a saber: se a democracia ainda é um conceito não compreendido é preciso pensar o porquê. Ancorado na Fenomenologia, esse porquê imediatamente admitiria a resposta de que a democracia não é fato, logo, se ela não ocorrer não há como conceituá-la, visto que não é fenômeno. Como foi dito, a resposta foi formulada sem meditação. Quando um fenômeno está em vias de fato e ele é considerado prejudicial, a inquietação gerada por essa oscilação apela para a busca da compreensão do fenômeno em questão, bem como, da antecipação de sua superação, pois, é indubitável que ele, em algum momento, desaparecerá, ainda mais, quando é fenômeno humano desprezível.

Neste sentido, o problema, como oscilação frente ao desprezo pelo tal fenômeno, está posto, isto é, existe. Portanto, resta agora ir em busca do que possivelmente conduzirá à sua ultrapassagem. E os antigos gregos nos ensinaram que todo fenômeno tem uma tendência à transformação com o legendário mito do calcanhar de Aquiles. É isso que a filosofia, no influxo

fenomenológico, fará: investigar dado fenômeno buscando o seu calcanhar de Aquiles. Com efeito, é nesse germen da mudança (o calcanhar de Aquiles) que reside a *alternativa* para se concretizar a *alteração* de um fenômeno para outro, como reza a cartilha da alteridade, pois, a transformação de um em outro é lei natural e eterna indiscutivelmente.

Sendo assim, atendendo ao primeiro apelo daquela questão, a democracia é um conceito ainda não compreendido, pois, dada sua existência, ainda germinal, não se formulou com precisão um conceito sobre si, haja vista que, conceito, em termos contemporâneos, são indicações com limites que sempre estão abertos a complementos.

À medida que se disponibilizou uma resposta para primeira parte da questão, por extensão, a segunda parte da questão inicial está, de algum modo, respondida, já que, um valor só é propriamente ele, quando está posto, quando existe de um modo não germinal. Assim, da democracia não se pode dizer que é um valor cultivado quando se tem em vista a maioria, mas, é um valor que ainda será posto, ou seja, se concretizará para além da instância germinal, pois, se figurasse como valor (que é concreto) muitos dos problemas naturais (poluição, efeito estufa, etc.) e sociais não existiriam mais, pelo simples fato de terem sido superados.

1.2. VIDA: DA COEXISTÊNCIA AO INESPERADO

É necessário entender que a vida é fenômeno sem manual e de tentativas e uma complexa rede interativa interdependente – as coisas se dão em reciprocidade. Ela é o desenrolar-se diante dos eventos, isto é, sua preservação não depende apenas do indivíduo que a possui, pois, ela é a concretização da transversalização dos eventos aí circunscritos, os quais podem pender mais para o consentimento de sua preservação ou de seu aniquilamento. Com efeito, Certeau (1998) inaugurou um horizonte sobre o pensar para o estudo de história; na excelência do termo, em filosofia, se diz autônomo (a expressão heideggeriana é “pensar autêntico”) para frisar as conclusões genuínas. Na filosofia, elas são alcançadas através do método binômico hermenêutico-fenomenológico. Assim, escreveu Luce Giard nas páginas de apresentação da obra *A invenção do cotidiano – artes de fazer*, a respeito de Certeau: “procurou não propor soluções, nem apresentar um diagnóstico definitivo que encerrasse o futuro, mas sobretudo compreender o que estava acontecendo” (p.11, 1998). É justamente neste sentido que democracia, educação, sociedade e vida são desveladas em sua ligação intrínseca, isto é, como acontecimento inconcluso, aquilo que continua se desenrolando mesmo após o recorte da pesquisa.

Ao retornar às nossas questões acima, uma vez mais, se é levado a concluir que a

democracia ainda não passa de centelhas espalhadas e, muitas vezes, solitárias ilhas que germinam em distintas circunstâncias de modo diverso. Essa leitura não se trata de pessimismo ou de um artifício, a fim de mobilizar aspirantes à realização do programa democrático; se trata de pensar sobre a condição da democracia no nosso lugar (desde o núcleo mais curto e imediato de nossa existência a amplitudes territoriais). É preciso frisar que, para se conceituar algo, consoante à Fenomenologia, ele deve ser acontecimento, do contrário seria um projeto dos quais é mera suposição baseada na esperança e aposta no tentar. Portanto, pode-se dizer que a democracia é um acontecimento de natureza principiante entre nós ainda, comprovado pelo fato de sua vulnerabilidade frente a uma série de eventos dos quais serão alguns mencionados adiante.

1.3. A EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA E A DIVERSIDADE: INCLINAÇÃO E DESAFIOS

Nesta esteira, a reciprocidade torna-se *a posteriori* uma compreensão louvável, pois, esta é uma constatação, isto é, o fato da reciprocidade ser a resposta que beneficia a preservação da vida é basilar, é princípio que é demonstrado graças ao fato constatado. Assim, a democracia contemporânea causa medo nas pessoas antidemocráticas. Estas são, desse modo, denominadas pelo fato de não compreenderem o que é democracia, graças à sua educação, no sentido largo do termo, ou sua convicção, oriunda de uma crença em qualquer valor altamente questionável. Há que se recordar que ela está no início, portanto, no centro da transição no qual tudo é mais tenso dada a implacável alteridade. Logo, se constata a materialização do serviço² de educação democrática, que surge automaticamente³ como resposta à questão não democrática, um atendimento à vocação autodeterminante.

Consoante ao exposto, se compreende educação democrática e inclusiva na consonância de sinônimos. Não obstante, sabe-se que as palavras são plásticas, portanto, manipuláveis. Por educação democrática se entende o serviço de educação sempre aberto à complementação em seu repertório de fenômenos presentes nas proximidades (entendendo que proximidade são fenômenos que atingem certa comunidade sem que sejam necessariamente emergidos dela, como aqueles adquiridos de outras comunidades por quaisquer meios). O critério é sempre aquele que beneficia a vida e que invalida os pseudos atentados, aqueles baseados em crença supersticiosa que é análoga àquelas por suposição. Assim, é fato que na

² Por serviço se entenda a realização, não projeto ou programa

³ Significa que pelo desenrolar dos acontecimentos era inevitável seu surgimento

composição do povo brasileiro ocorrem diversas etnias, experiências religiosas distintas (de grandes grupos de seguidores e outras até individuais), de distintas orientações sexuais, de vulneráveis socioeconômicos, de oprimidos e opressores, de faixas etárias díspares, de urbanos e rurais, etc., ou seja, todos esses fenômenos comuns a toda e qualquer sociedade dita ocidental. É neste campo que o serviço de educação realiza-se. É preciso como ampla atuação atingir os opressores, pois, essas pessoas não devem se valer do argumento da ignorância e elas, além de possuírem os recursos financeiros, inspiram aquelas pessoas acríticas (por idolatrias, ideologias, etc.).

O serviço de educação democrática inspira às pessoas ao pertencimento: pertencimento como singular do seu grupo de tantos outros singulares com algo em comum que é a vida e sua autopreservação. A autopreservação é autoconsciente, nunca foi ensinado. É luta da vida pela vida; pois, o que é alimentar-se? Abrigar-se? São ações automáticas, portanto, não ensinadas, que é também autodeterminação.

Neste lastro, se entente que a democracia é corresponsabilidade, (co)pertencimento é a compreensão de que o mundo, o lugar do qual se é tributário da sua coexistência, não lhe é exclusividade aos moldes de uma propriedade privada, mas comunitária, compartilhada de *alternância* para usufruto de *tutte le cose*, isto é, os ditos seres animados e inanimados têm tanto direitos à (co)existência como qualquer outro sob pena natural de restrição fenomênica: privilegiar superpopulação de alguns seres e inviabilização de tantos outros. Assim, a democracia é a harmonia, o favorecimento da diversidade é, por fim, a manifestação da alteridade: o *staff* da flagrante diferença.

Por fim, se associa à compreensão de civilização na contemporaneidade diretamente à existência democrática, pois, todas as páginas da história levaram-nos a crer que o mundo não tem dono; tem colaboradores, contribuintes que mesmo os considerados estanques, como os minerais de um modo geral, na verdade estão em movimento como constituintes elementares de tudo o que denomina-se mundo, realidade, existência. Pois, “no conceito de racionalidade instrumental, o homem utiliza-se do seu saber para a dominação da natureza e a indução de comportamentos com a concepção de um mundo objetivo e manipulável” (Freire, 2021, p.33), o que já foi superado. Logo, ditaduras, oligarquias e quaisquer grupos minoritários que intencionem comandar, ao invés de contribuir, não se mantêm ou até mesmo já de início se dissolvem, pois, a autonomia, no novo termo autodeterminação, é a realidade que mais ganha espaço a cada instante pela qual as pessoas se questionam sobre sua posição (quem são, o que fazem, que relação há entre ser indivíduo pelo princípio da diferença e o que tem de comum referente à coletividade).

2. INDÍCIOS DA PROPENSÃO À DEMOCRACIA NAS EXPRESSÕES IMPERATIVAS

Observa-se ainda a persistência ou outra forma de forte cultivo do imperativo como o foi na Modernidade. É comum na cotidianidade, muitas pessoas se expressarem por meio desta forma verbal que, longe de indicar apenas ordem e desejo como ação efêmera, significa mais um *projeto moral*, isto é, um apelo à coletividade para um determinado modo de agir, por conseguinte, de ser. Esta postura imperativa, muito mais do que exprimir um simples pedido, trata-se de recurso a mandamento e evidencia a existência de problemas sociais. É um forte indicador de que muitas pessoas estão inseguras, estão vulneráveis, estão sofrendo e, através da máscara do imperativo, que nada mais é do que uma aposta na proposta de concretização de seu imperativo por um outro modo de sociedade, a exemplo desta afirmação: “A educação tem o desafio de se adaptar a essas mudanças e transformações constantes. É preciso criar estratégias e objetivos de ensino adequados a esse novo estilo de vida da modernidade líquida (grifos nossos)” (Santos, 2019, p. 5), enfatizadora do dever (imperativo) nas partes grifadas. A educação já interage, sua adaptação é automática, pois, ela é intrínseca à existência. A preocupação que se apresenta é quanto ao modo de acontecimento dessa educação, isto é, o pensar emancipatório faz parte de sua manifestação?

Portanto, essa investida no imperativo – Aja assim! Faça aquilo! – é um recrutamento para um “projeto” que se utiliza de vários recursos, a fim de alcançar uma maioria que o valide. Mesmo sem se concretizar, a mera concordância da resposta funciona como amenizador de seus temores. Esse comportamento imperativo merece atenção dada as incoerências, uma vez que, emergem e orbitam na esfera da opinião e pretendem suplantar a pesquisa. São exemplo disso, dentre muitas expressões de problemas estritamente pessoais – de foro íntimo: pedido pela redução da maioria penal, militarização das escolas, aumento e crença total no efetivo militar. De imediato, se arriscaria a concluir, que, tais eventos tratam-se da aposta num Estado controlador, por conseguinte, exclusivista. Não obstante, seria uma conclusão incompatível com Estado democrático. Portanto, a conclusão que se tem, desses fatos confusos, é a inclinação à segurança e à liberdade, que são princípios democráticos.

Esse *conselhismo* (sinonímia desse comportamento imperativo) sofre de vários problemas: 1) ignora em suas afirmações o estudo necessário para a formulação de suas conclusões a partir de pesquisas que considerem experiências a ele ligadas ou análogas, acontecimentos históricos e suas interpretações, por exemplo; 2) esse tipo de “conselho” pressupõe que seu emissor goza de afirmações seguras, como se seu autor possuísse uma

inteligência especial, na verdade, são oriundas do mero subjetivismo, as quais não passam de inspirações advindas de falsas notícias disseminadas nas redes sociais, noticiários tendenciosos e retóricas e 3) seu método é a prática do imediatismo de onde partem e para o qual se dirige (círculo vicioso), pois, há uma celeridade para se compreender um fenômeno e dá-lhe rápida providência, comose isso fosse capaz, dentre outros.

2.1. AS QUESTÕES PÓS-DIGITAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NA DEMOCRACIA E NA EDUCAÇÃO

Os avanços tecnológicos estão, cada dia mais, disponibilizando produtos e reordenando comportamentos. Muitos se apavoram com as competências da Inteligência Artificial como se ela fosse capaz de pensar. Uma inversão que se traduz: as máquinas pensam, o homem, não. E esta estreita conclusão, orquestrada por renomados cientistas, não passa da constatação de que, quem assim compreende, já se autodeclarou no derrotismo frente à tecnologia. O pós-digital se traduz pela troca literal do uso do dedo por outros comandos que vão da voz a sistemas (“inteligentes”)⁴ automáticos, como sensores, numa palavra: recíprocos; com efeito, são responsoriais, nada mais. Some-se a isso a naturalização da relação cotidiana com a tecnologia que não causa mais espanto dada sua presença indispensável e rotineira. Belmonte (2017) escreve que, “Segundo Florian Cramer (...) o termo pós-digital passou a ser usado para descrever tanto o desencanto com os sistemas de informação digital e os gadgets midiáticos como este período em que nossa fascinação com esses sistemas e dispositivos tornou-se histórica (p.1)”.

Daí emergem diversas questões, dentre elas: será que se sabe o que é pensar ou ele foi reduzido à simples composição de acúmulo de informações às quais podem ser re combinadas resultando em produtos disponíveis naquele acervo? Será que a consciência foi reduzida à esfera tecnológica na qual os seres vivos a ela foram rebaixados, não configura isso um tipo de animismo tão vilipendiado quando se tratou e se trata de culturas autóctones? Não seria um reducionismo neoplatônico que estabelece um mundo real e um mundo ideal que, por sua vez, não se sabe qual dos dois é o real ou o ideal uma mixórdia da qual não se tem saída?

A última versão de inteligência artificial para texto apresentado pela OpenAI, o GPT-4 (sigla inglesa que significa Transformador Generativo Pré-treinado), causou mais um frenesi; o que torna evidente a vulnerabilidade de algumas pessoas expressa no termo tecnofobia ou

⁴ Incorre-se em erro tratar como inteligentes produtos tecnológicos que atendem a estímulos específicos para os quais existe uma programação de comando determinado para resposta única, seu desvio é considerado defeito.

supervalorização tecnológica. Uma espécie de idolatria ou religião apocalíptica, como se a tecnologia fosse um Deus, frente ao qual a criação (mundo) está de joelhos. Já que, o ser humano, com toda sua genialidade, já a ela se curvou, espera-se que esse curvamento não dure tanto e, assim, a expressão nietzschiana “Deus está morto!”, soe ambígua. Pois, há um novo Deus ou será que, igualmente a constatação daquele filósofo, o Deus-Inteligência-Artificial está (estará) morto também?

Incorre-se em erro tratar como inteligentes produtos tecnológicos que atendem a estímulos específicos para os quais existe uma programação de comando determinado para resposta única, seu desvio é considerado defeito.

É preciso insistir: será que não se trata de uma supervalorização, uma arrebatadora admiração pela tecnologia que põe estas pessoas de joelhos enquanto que a magnitude da natureza foi, diante deste “culto pagão”⁵, menosprezada? Será que se perdeu o encantamento pela compreensão da natureza? Será por que se é incapaz e as descobertas são inúmeras ou será pela extensão do culto pelo princípio da certeza (um devaneio torpe) que remonta à Modernidade? Será que parte das pessoas não estão sendo apenas uma engrenagem desse mundo tecnológico e a ciência, em muitos sentidos, não passam de um discurso colaboracionista? As pessoas abandonaram sua vocação ao pensar e preferem respostas prontas à levantar questão e responder singularmente, pois, cada pessoa é uma concretude-transcendente-sigular? Como se percebe, as questões daí oriundas são inúmeras. O que é muito bom! Pois, ao invés de confirmar a fatalidade, se inquietar com esse fenômeno, se é que pode ser assim denominado, haverá respostas mais interessante e a restituição da melhor arma de que o ser humano sempre dispôs que é pensar?

2.2. SENTIR E PENSAR – MUNDO E PESSOA

Por isso que se afirma que o serviço de educação contemporâneo apela ao pensamento. Pensar é diferente de conhecer. Pensar é diferente de sempre anuir. Pensar é como no jargão de uma rezadeira do Sítio Taumatá (Mari-PB), Dona Julita, “As pessoas são como os dedos, nenhum é igual!” e no americano “Concordar em discordar!”. Pensar é tentar outros caminhos e conclusões. É entender que conclusões necessitam de acréscimos ou de seu outro (lado da moeda). Pensar é ser propenso a entender que nossas ações são incompletas e abertas a inclusões. É ultrapassar limites, é ser livre propriamente. Pensar é exercício de inclusão do

⁵ Irrefletido

despercebido, do abandonado, do rechaçado e isso não demonstra outra coisa senão que se está preocupado em ser todo e não partes.

As Leis 10.639/03 e 11.645/08, por exemplo, ainda seguem descumpridas e isso é fruto de um serviço de educação comprovadamente antidemocrático, obsoleto, contraproducente e fadado ao fracasso. Ele se traduz por um serviço excludente, por conseguinte, exclusivista, isto é, direcionado a propiciar um estamento a uma minoria privilegiada. Há que se dizer que, os atores desses privilégios são alteráveis por diversos motivos, porém, aqui se denuncia, enquanto concretude desse privilégio, as instituições, uma vez que, elas tendem a se perpetuar e para as quais há muitos candidatos aspirando um posto. Se é assim, esse projeto de pseudo educação é um flagrante exemplo de programa instrumentalizador, de bestialização, de produção e aprimoramento de mera mão de obra.

Com isso, não se afirma que a instituição se trata de uma estrutura destituída de pessoas. Não é isso. Inclusive se reforce que tais instituições são formadas por pessoas com valores cuja ideologia está muito bem concatenada, contudo, elas inspiram e aspiram se manter a longuíssimo prazo o que não ocorrerá, pois, a saída desses agentes que aí estão, é inevitável dado o estímulo ao espírito de concorrência e do vigente etarismo, sem mencionar outros fatores. Portanto, nessa esfera, nossas crianças e jovens, usando uma linguagem muito enérgica, não passam de animais para o abate da manutenção da cultura de ideologia mercadológica, os quais são sacrificados de sua vida (plenitude) em nome de um “futuro”, o qual não passa de uma redução das pessoas a meros operários (parte) altamente condecorados pelo sistema compensatório, cuja recompensa é a ilusão da sua alta qualificação (saber enciclopédico e tecnicamente especializado) com um falso fundo dignatário para mortificar as dores do alto preço por ter abandonado sua vida (plenitude).

Qualquer serviço de educação democrático é guiado pela livre iniciativa do pensar. Pensar a cultura dominante, pensar os problemas, pensar o aqui e o agora, portanto, sentir a existência na qual se está inserido, a fim de compreendê-la, sobretudo, na sua forma de ser e o que fazer com os pontos que atentam contra a vida indo em busca de ações que possam favorecê-la em sua plenitude sem que para isso se sacrifique outras vidas, dentre elas, as humanas. Pois, o desafio de “que devemos formular, para melhor compreensão da mitologia, da história, social e política, da história religiosa, da história da arte e do pensamento, que os filhos da África Eterna nos trouxeram: *Voltemo-nos para a África!*” (Pereira, 1979, p.118).

Um dos desafios da educação ao longo da história ocidental sempre foi a troca de valores. O problema é que esses valores sempre foram particulares, haja vista que correspondiam à organização social de sua época. Na contemporaneidade, já está em fase de

certa expressividade, a concretização de que a troca seja entre valores individuais, egoístas e subjetivos por valores comunitários. A tarefa não é fácil, pois, baseado no critério do menor esforço, a opinião é o artifício mais simples, portanto, superficial e imediato de conclusão. E isto é típico das pessoas que não ultrapassam o nível da mera opinião para o pensar (esforço contínuo e amplo, não especializado) e isso independe do nível de escolarização (pasmem!), pois, se o dado valor funciona como móvel, ele é o princípio de todo agir, por conseguinte, das retóricas muito bem formuladas de uma erudição que causa mais fascínio análogo a um belo escrito literário do que um texto científico não colaboracionista ou tendencioso. E “no século XVIII, a ideologia das Luzes queria que o livro fosse capaz de reformar a sociedade, que a vulgarização escolar transformasse os hábitos e costumes” (Certeau, 1998, p. 261), um exemplo de programa do qual se esperava “que uma elite tivesse com seus produtos, se a sua difusão cobrisse todo o território, o poder de remodelar toda a nação. Este mito da Educação inscreveu uma teoria do consumo nas estruturas da política cultural” (Certeau, 1998, p. 261).

2.3. O SALTO A PARTIR DO PENSAR

É difícil auto encarar e enfrentar os valores já arraigados desde a tenra idade, os quais, quando postos na iminência da troca, suscitam traição das respeitáveis pessoas que lhes transmitiram. Fato entendido como ato da primeira transgressão, quando a própria transgressão já é condenada no rol daqueles ensinamentos, posto que, transgredir é romper, de acordo com esta visão. Além dos valores possuídos figurarem como conhecidos e, pela comodidade, parecerem seguros. Adicione-se a isso, o defrontar-se com a própria transição equivocadamente entendida como fragilidade que leva à insegurança perante à admissão da própria identidade. Soa como se fosse um aventurar-se na incerteza, partido do pressuposto que há algo certo ao invés de provável ou possível. Essa identidade é compreendida como uma forma imutável após um certo tempo etário (quase sempre na idade adulta) passando a ser entendida não mais como estanque, senão como transitória, por fim, desse conflito, a consideração quanto à redução de que não se verá como mero fenômeno mutante que está a mercê de outros. Essas conclusões negativas, muitas vezes não encaradas nestes termos aqui expressos, são amarras que resistiram as quais, quanto mais confrontadas de modo enérgico, se fortalecerão; a esperança da ultrapassagem só ocorre mediante aos insistentes convites (inicialmente, não feito por alguém, mas pela própria inquietação) e apresentação de que a existência é assim e é seguro e, que gradativamente, a pessoa galgará o seu próprio modo.

Desta forma, o desconhecido não pode funcionar como argumento, pois, somos lançados no mundo, conforme Heidegger, e ser lançado é ser estranho e nele ir coexistindo

(modelando-se e modelando). Portanto, não há necessidade de conhecer a fundo e, até mesmo, pode-se ignorar qualquer experiência étnica, pois, sempre em algum momento estaremos frente a fatos similares e de não conhecimento de todos, artefatos culturais da nossa própria cultura, outros até ignoramos. Porém, isso causa quase nenhuma aversão em termos de pessoas que os dá qualquer importância.

É falso que somos uma cultura global. Somos culturas que, dada as novas relações comerciais (mera troca), se dispõem das descobertas culturais (objetos de toda e qualquer natureza). A cultura ocidental funciona como veículo que, muitas vezes, (co)fundem produtos de uma dada cultura e os dissolve (consumido) no conjunto do seu veículo cultural se apropriando deles como seus. Essa foi uma das façanhas da denominada cultura ocidental que cunhou um termo específico revelador (pois, era para permanecer diluído, esquecido, porém, vem à tona, contudo, pretende escamotear uma vez mais), a miscigenação cultural. A ocidentalização não passa de uma grande engenharia de armazenamento e de divulgação das chamadas “micro-culturas”. Com a ressalva, que ela sempre cooptou de outras culturas o que foi considerado importante: os saberes, as tecnologias do mundo antigo, até as religiões e expurgou o que foi julgado ameaça ao seu programa.

Disso se vê que, o compromisso mais árduo do serviço da educação democrática é a persuasão, o convencimento, pois, as experiências legais ou judiciais não garantem êxito total, muitas vezes, tornam mais evidentes determinados problemas, graças à estatística gerada a partir de registros de sua manifestação. Tais experiências são as tensões da inevitável mudança do anticontemporâneo que tenta impedir o florescimento do contemporâneo.

Neste lastro, pense-se no fenômeno do Dia 08 de Janeiro, Dia dos Atos Antidemocráticos, expõe indubitavelmente o quão necessário se faz o serviço de educação democrático, pois temas como desarmamento da população, combate ao racismo, negacionismo, terraplanismo, intolerância religiosa, violência contra mulher, desmatamento, poluição, contaminação, falsas notícias, as questões dos povos indígenas, segurança e tantos outros ligados a essa pauta requisitam políticas públicas com base prioritária no serviço de educação, já que, é provocação de relações humanas solidárias. O serviço de educação nesta base é o exercício que ultrapassa a esfera dos estabelecimentos convencionais de educação. Este serviço só logra êxito quando faz parte de todas as realizações comuns de todas as pessoas. Fala-se aqui em termos de cotidianidade das ações mais corriqueiras. Por isso, é considerada perigosa afirmação deste tipo: “A desigualdade de oportunidades educacionais é uma questão que só pode ser confrontada em ampla escala por políticas de Estado” (Bauman, 2013, p. 74), pois, quem é o Estado, senão agentes sociais que podem estar agindo tendenciosamente

privilegiando particularizações?

3. A CONTEMPORANEIDADE E A SUPERAÇÃO DA LIMITAÇÃO DO CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Aqui se afirma que a educação nada tem a ver com o conceito de ensino-aprendizagem, pois, por este se entende parte de um todo. A educação sempre tem um sentido originalmente inclusivo – inclinação holística. Com efeito, toda ação educativa sempre oferta algo para si (o indivíduo) e para coletividade. Educação é a atitude da e sobre a própria existência, por extensão, a existência da comunidade. Ela não é procedimento para o domínio de técnicas, senão, seria mera transmissão, aprendizado restrito, específico que não tem natureza holística. Por exemplo, costurar, cozinhar, escrever (no sentido de saber grafar o alfabeto apenas) sem perceber o vínculo com o todo, a coexistência. E ainda estaria em contradição com as inesperadas descobertas, aquelas inovações acidentalmente encontradas.

Portanto, educar (serviço de educação) se traduz a rigor quando a ação dá conta não somente de finalidades particularizadas (unidirecional), o que ainda ressoa nas palavras de Bauman (2009) “este é o primeiro desafio que a pedagogia deve enfrentar, ou seja, um tipo de conhecimento pronto para utilização imediata e, sucessivamente, para sua imediata eliminação (p. 663, grifo nosso)” porém, quando é onidirecional, incluindo-se aí o sentido reflexivo (voltar-se sobre si mesma como produto e autocrítica). Por isso que, qualquer instituição só pode se afirmar como educativa frente ao exercício revelador e autorrevelador das posições e dos desempenhos dos seres de determinada comunidade aí envolvidos.

Sobre isso se entende absolutamente: todos os seres animados e inanimados como sujeitos ativos, porque executam ações, e sujeitos passivos, que sofrem ações como matérias-primas. Embora essa falsa distinção de sujeito ativo e passivo não passe apenas de um recurso linguístico, uma forma de leitura baseada em termos de origem e consequência, validando a consequência como não estanque, uma vez que, ela figura como originária de outros que serão analogamente tomados como consequentes, além de dar ênfase à admissão de que todo fenômeno é, ao mesmo tempo, gerado (consequência) e gerador (co-origem).

Nessa ordem, exclusão é denúncia: revela a ignorância de seu sujeito. É limitada e limitadora no pior sentido, além de ser autoexcludente. Pois, ao negar-se incluir já se excluiu a si mesma, por conseguinte, se afirmou que não é aberta, é dogmática e autocontemplativa, não acompanha as mudanças, assim, é autodestrutível, está fadada a desaparecer inevitavelmente ao supor que é autossuficiente. Desse modo, enquanto dura, ela cria ilhas das quais se ignora sua existência (seu conteúdo) e estas se tornam especializadas, porém, sem troca, sem

cooperação. A exemplo disso, têm-se os mais variados etnocídios narrados pela história, dentre os quais, se frisa hoje no que se costumou chamar epistemicídio, que merece salientar que este é apenas o extermínio de uma parte do todo da existência que se denomina cultura.

Numa metáfora biológica, essas pessoas excludentes são vírus que pretendem hospedar as células com a única finalidade reprodutiva, num pleonasma, produzir mais do mesmo; e quando isso não ocorre, as células sofrem as consequências: se tornam doentes, modificando toda a comunidade, quando não, causando a morte, quer da célula ou de parte da população.

Em conclusão, se diz que isso é ato não apenas etnocida, senão genocida da própria população ao empregar-se em negar existência ao outro, ao diferente privando-lhe de condições essenciais. Assim, este é um projeto que pretende aniquilar existências, pelo simples fato de tentar negá-las ou tornar difícil sua oportunidade de vir a ser, o que não passa, ao final das contas, de um retardamento, pois, o movimento é a lei da natureza, logo, da alteridade que sempre encontra seu modo de se concretizar. Porém, as interrupções custam vidas: dos minerais (água potável e ar puro, por exemplo), dos animais (mortalidade, ameaça de extinção, deformidades) e vidas humanas.

3.1. EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: PEDAGOGIA DO CONFRONTO

Pode-se dizer: a educação contemporânea é a pedagogia do confronto. Isto significa que o exercício da educação põe em pensamento a existência, a vivência. É inquirir sobre o que se faz diariamente como uma ação automática e que parece uma emersão de seu próprio eu, quando na verdade, não passa de uma experiência de comandos oriundos de agentes que se propõem a tornar a comunidade um laboratório cujas cobaias são seus indivíduos e, muitas vezes, alguns desses atores são cobaias de si mesmas sem se dar conta, dados os emaranhados projetos. A nossa compreensão é conforme Silva (2015) ao declarar que “a educação problematizadora surge como favorecedora para o rompimento com a educação tradicional, ou seja, dando ao educando mais uma oportunidade para a sua emancipação” (p.6).

O confronto é justamente o exercício autoincidente, o qual questiona sobre si mesmo e começa a identificar o que é genuinamente seu e o que pertence aos outros como uma espécie de plágio sem intenção. O confronto é o espelhamento, é o questionamento do qual se ver, no mito de Narciso, o encaramento em busca daquilo que é de sua propriedade e não do que se apropriou, o que figura como pertencente a si como próprio. Com isso, não se quer dizer que se deve abandonar e apenas tomar o que lhe é genuíno, uma tarefa impossível. Mas, entender se seu ser não passa de um veículo que apenas transporta propriedades alheias com as quais se identifica ou se ultrapassa essa condição para colaborar, produzindo algo que inexistia, pondo-

se como autêntico e contribuinte de sua coletividade. Isto sim é protagonismo e empreendedorismo: não ser mera engrenagem, não ser um colaborador automático, heterônomo, que torna possível a reprodução e a manutenção de determinadas ações, que intenciona, ilusoriamente, tornar a existência excludente e exclusivista, o que é impossível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este escrito foi um convite a pensar a educação de um modo pouco discutido, qual seja, a partir de uma consideração holística, a qual aborda educação no horizonte da existência humana. A educação como ação indispensável e corriqueira garantidora do prolongamento da vida. Dito de outra forma, educação como condição interativa que todo ser humano assume sem menor aprendizado, mas, por tentativas e persistência, não para vencer outros, e sim para preservar sua própria vida colaborando com a máxima quantidade dos seres da coexistência. Por isso que a definição de educação como ensino-aprendizagem é, neste âmbito, insuficiente, pois, essa parte de um programa que requisita um acervo, o qual é um acúmulo de experiências quer diretas, sofridas como próprias descobertas, quer indiretas, estudadas, pensadas, isto é, em confronto, um *poliálogo*⁶ com os seres de sua coexistência.

Por fim, resta reafirmar que a educação contemporânea se define por democracia e esta, por sua vez, é compreendida no plano da alteridade. Neste sentido, qualquer pensamento e ação que atentem contra a democracia, não só é considerado como não contemporâneo ou antiquado (no pior sentido), mas, é indiscutivelmente antidemocrático e está na contramão da natureza que é inevitavelmente existir como diferença.

Aqui, de modo algum, não se pretendeu esgotar a questão, senão provocar discussões a partir do que foi proposto, posto que, essa reflexão é fruto de experiências pontuais de seu autor, portanto, que a considera em aberto pelo simples fato de compreender mundo como transitoriedade. Mundo é um contínuo fluxo, no qual tudo está em mudança conforme se aprendeu com Heráclito de Éfeso (5000 a.C. – 450 a.C.): “*Panta rhei!* (Tudo flui!)”, inclusive você.

REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2009). *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar,

⁶ Um neologismo oposto ao termo diálogo que traduz poli para além de vários, como transitório, recíproco e múltiplo e dependente

- Bauman, Z. (2013). *Sobre Educação e Juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar.
- Belmonte, W. *Temas e dilemas do pós-digital, Lúcia Santaella: Uma crítica ao capitalismo semântico*. <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/50/58>
- Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Conte, E., Trevisan, A. L., & Viero, C. P. (2004). *Filosofia da educação a partir do diálogo contemporâneo entre analíticos e continentais*.
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/337/Filosofia%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%202.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Freire, H. C., & Rodrigues, C. M. (2021). *Filosofia e educação: desafios da tecnologia no mundo contemporâneo*.
<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/humanidadeseducacao/article/view/16622/9390>
- G1. *GPT-4: OpenAI lança versão mais avançada de modelo que serve de base para o ChatGPT*. <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/03/14/gpt-4-openai-lanca-versao-mais-avancada-modelo-chatgpt.ghtml>
- Giard, L. (1998). Apresentação. In: *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Pereira, N. (1979). *A casa das Minas: culto dos voduns Jeje no Maranhão*. 2. Petrópolis: Vozes.
- Santos, D. B., & Bordin, R. A. (2019). *Estudos sobre o pensamento educacional de Zygmunt Bauman e a Modernidade Líquida*.
<https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/3450/1/DANIELE%20BELLESE.pdf>
- Silva, M. A., & Kayser, A. M. (2015). *O papel da educação contemporânea, uma reflexão a partir da pedagogia da autonomia de Paulo Freire*.
<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/view/3560>